



A cidade e suas fortificações vistas do Forte da Graça

## O PROGRESSO MEDIEVAL

Tudo leva a crer que desde a ocupação da muçulmana *lalbax*, em 1230, por D. Sancho II, até à sua elevação a cidade em 1513, o progresso de Elvas tenha sido contínuo, induzido pela importante situação estratégica – na principal entrada/ fronteira natural com o país vizinho – que o Tratado de Alcanizes (1297) potenciou. Também a próspera agricultura, de cujas azeitonas já Plínio, *o Velho* (23-79), deixou memória, foi factor de sustentabilidade económica. Alargando-se o burgo, às duas cercas muçulmanas acrescenta a cristandade mais uma, na segunda metade do séc. XIV, e é essa imponente fortificação, com 11 portas e 22 torres, que Duarte de Armas desenha cerca de 1509. Também a alcáçova árabe se transformou, sendo dotada de alcaidaria e de um cubelo artilheiro nos sécs. XV/ XVI. No Numeramento de 1527, Elvas já era a 5ª cidade do país com, aproximadamente, 8000 habitantes; em 1570 é elevada a sede de bispado.



Portas do Templo (1ª cerca muçulmana)

## CHAVE DO REINO

Foi por Elvas que o Duque de Alba entrou com o seu exército, em 1580, facto que não seria esquecido quando, após a restauração da independência (1640), aqui se construiu a maior fortificação abaluartada do país. Numa altura em que eram já os canhões a ditar a sorte das cidades, Elvas estava completamente exposta, porque obsoletas as muralhas que os Filipes propositadamente mantiveram. Os primeiros tempos foram de um “caos indigesto”, porque “se obrava com falta de engenheiros peritos”. Matias de Albuquerque iniciou a adaptação da velha fortaleza aos tempos modernos, mas só com a chegada do jesuíta holandês Cosmader (1643), que mostrava “grande prática, arte, disposição e zelo”, a grande obra ganha ritmo e desenho seguro.

Cosmader deu princípio à cintura abaluartada junto à Porta de Évora, construindo o Baluarte de São João de Deus, nas costas do qual a Vedoria (1641-1763) mandara construir o Hospital Real (1641/ 2-1976) que seria atribuído por D. João IV à Ordem Hospitaleira de São João de Deus em 1645. E daí por toda a parte S da cidade – a mais frágil -, até ao Baluarte do Casarão, em que aplicou as tábuas de fortificar de Samuel Marolois (1614/ 28) (Primeiro Método Holandês). Na parte N, do Baluarte de N. S. da Conceição às Portas de São Vicente, a obediência à regra não se tinha que fazer, mas sim uma adaptação ao terreno, de grande declive, que a tornava inatacável. Mas a E, o Baluarte da Porta Velha teria que aprofundar a defesa através de uma obra coroa que ocupasse um outeiro ameaçador, o que se concluirá em 1653, sob a orientação de Nicolau de Langres. E só no período que vai de 1755 a 1802, a cintura abaluartada adquire a constituição actual em matéria de obras exteriores (zona E).



Trem



Fortificações abaluartadas do centro histórico



Portas de Oliveiras (fortificações abaluartadas)

## CIDADE-QUARTEL DE FRONTEIRA

Foi na parte alta da cidade, menos ameaçada, que se levantaram os principais edifícios de função militar até ao princípio do séc. XVIII; de O para E: o Quartel dos Artilheiros, o Paiol da Conceição, o Trem – que levou à transformação do preexistente redene em meio baluarte -, o Conselho de Guerra, a Casa das Barcas, os Quartéis da Rua dos Quartéis e os que existiam junto ao Castelo, o Paiol de Santa Bárbara e os Quartéis de São João da Corujeira. Os Quartéis do Casarão, à prova de bomba – da autoria do Coronel Valleré -, adossados às cortinas das frentes E, com o seu Paiol Redondo, foram começados em 1767, quando da reorganização do exército pelo Conde de Lippe. Do séc. XIX são as adaptações a quartéis dos extintos conventos de São Paulo e de São Domingos.

## FORTIFICAÇÕES MEDIEVAIS

- M1. Castelo
- M2. Primeira cerca muçulmana com suas portas (p) e torres (t)
- M3. Segunda cerca muçulmana com suas portas (p) e torres (t)
- Vestígios da cerca fernandina

## FORTIFICAÇÕES ABALUARTADAS

- A1. Cortina com a Porta de Olivença (ou principal) (1685) e revelim (R) com a porta exterior
- A2. Baluarte de Olivença, de São Pedro ou dos Morteiros, com contraguarda (C)
- A3. Cortina com poterna (P) de São Pedro, capoeira (ca) e praça de armas (PA) no caminho coberto
- A4. Baluarte de São João de Deus com cavaleiro
- A5. Cortina com a poterna (P) de São Francisco, capoeira (ca) e a Cisterna da Praça
- A6. Redente do Cascalho com casamatas, meia-lua (ML) dotada de barbete (B) e revelim (R) a proteger também a cortina que possui a cisterna adossada
- A7. Cortina com a Porta da Esquina ou de Évora e revelim (R) com a porta exterior
- A8. Baluarte de Nossa Senhora da Conceição, ou da Forca, ou do Armazém Antigo da Pólvora, com poterna (P) no flanco S, canhoiras acasamatadas e meia-lua (ML) ou contraguarda
- A9. Cortina com a poterna (P) da Conceição
- A10. Meio baluarte do Trem ou do Cesto da Gávea com duas praças de armas (PA) no caminho coberto
- A11. Cortina com a poterna (P) de São Martinho
- A12. Meio baluarte do Príncipe
- A13. Cortina
- A14. Baluarte do Castelo ou de Santa Bárbara com praça de armas (PA) no caminho coberto
- A15. Cortina
- A16. Meio baluarte de São João da Corujeira com três ordens de fogos
- A17. Cortina com a Porta de São Vicente (1644) e revelim (R) com a porta exterior
- A18. Baluarte da Porta Velha com orelhão direito ou espalda, a N, com poterna (Porta Velha, de estilo gótico) protegida por través e vestígios de casamata no outro flanco
- A19. Obra coroa com revelim (R), praça de armas (PA) no caminho coberto e gola protegida, a N e a S, por lunetas (L); a luneta S possui dormitórios/casamatas, dotados de lareiras, com dezenas de frestas nas duas faces
- A20. Cortina com poterna (P), provavelmente do séc. XVIII mas intervencionada no séc. XX, e abertura parcialmente empedrada junto ao flanco do baluarte oposto
- A21. Baluarte do Casarão, com cavaleiro e casamata, protegido por uma meia-lua (ML) (com entrada para túnel ainda não explorado) e duas contraguardas (C)
- A22. Cortina com poterna (P) (construída de raiz no séc. XX?) e uma praça de armas entrincheirada (PAE) ou revelim no caminho coberto
- A23. Meio baluarte de São Domingos
- A24. Cortina com a poterna dos Mártires (P) e uma praça de armas entrincheirada (PAE) ou revelim no caminho coberto
- A25. Baluarte da Praça de Armas, ou da Parada, com cavaleiro ca Capoeira
- cc Caminho coberto
- f Fosso
- P Poterna
- PAE Praça de armas entrincheirada



## EDIFÍCIOS DE FUNÇÃO MILITAR

- E1. Vedoria (f. 1641-1763) (Hotel, 2004)
- E2. Hospital Militar (f. 1641-1976) (Hotel, 2004)
- E3. Cisterna da Praça (conc. 1650)
- E4. Quartéis dos Artilheiros (séc. XVII)
- E5. Quartel do extinto Convento de São Paulo (séc. XIX)
- E6. Casa de Reclusão Militar no Quartel de São Paulo (1989-2002)
- E7. Tribunal Militar (no Quartel de São Paulo, extinto em 2004)
- E8. Paiol da Conceição (séc. XVII)
- E9. Trem (constr. 1694-1715) (ESAE, 1998)
- E10. Conselho de Guerra (1674-1875)
- E11. Casa das Barcas (1703-1705) (Mercado Municipal, 2000)
- E12. Quartéis da Rua dos Quartéis (séc. XVII) (oficinas de artesanato)
- E13. Paiol de Santa Bárbara (séc. XVII?)
- E14. Comando Geral (séc. XX)
- E15. Quartéis de São João da Corujeira (séc. XVII)
- E16. Cemitério dos Ingleses (durante a Guerra Peninsular, 1807-1814)
- E17. Quartéis do Casarão (i. 1767) (Museu Militar de Elvas, 2009)
- E18. Paiol Redondo dos Quartéis do Casarão
- E19. Quartel do extinto Convento de São Domingos (séc. XIX)
- E20. Corpo de Guarda de Engenharia (em 1942)
- E21. Assento (Padaria i. 1869) / Manutenção Militar até 1994 / Armazém Municipal

## O PRIMEIRO MÉTODO HOLANDÊS DE FORTIFICAÇÃO E AS MÁXIMAS ET ABUAS DE SAMUEL MAROLOIS (1628)



- Linha de defesa fixante de 60 vergas (223,08 m) (LDF)
- Existência de flancos secundários (FS)
- Ângulo flanqueado entre 60° e 90° (AS)
- Ângulo de flanco de 90° (AF)
- Ângulo de espalda igual ou superior a 105° (AE)



Vista aérea

Desde a Guerra da Restauração, passaram por Elvas 35 regimentos, sendo que, apesar da existência de quartéis, no séc. XIX ainda se praticou o aboletamento de militares nas casas de particulares. Em tempos de guerra, não havia excepções: todos os edifícios, inclusivamente os religiosos e a própria casa da Câmara, aboletavam soldados e adaptavam-se a enfermarias e a armazéns. E não foi o Colégio dos Jesuítas a albergar a Aula de Fortificação criada pelo Príncipe D. Teodósio em 1651? Em Elvas, sempre o civil, o religioso e o militar se encontraram enlaçados. Elvas sempre foi a grande cidade-quartel de fronteira, a tal ponto que, a partir de 1710, quem nela nascesse não tinha que se alistar mais tarde: era considerado, à nascença, soldado.



Portas da Esquina (fortificações abaluartadas)

Também a malha urbana ganhou a racionalidade militar: as onze portas medievais deram origem a apenas três, duplas e desenfiadas: Esquina, a O, São Vicente, a E, e Olivença, a S. A primeira servia directamente a zona militar N. Nas outras têm início as ruas mais importantes da cidade, a confluírem na praça central, onde se situava o Corpo de Guarda principal e as sedes dos poderes civil e religioso: a Câmara Municipal e a Catedral, com o Paço Episcopal. De realçar a clara existência de dois estradões militares: um que passa nas golas dos baluartes da parte S – para os abastecer com eficácia – e o outro que intercomunica os edifícios militares da zona N.



Aqueduto da Amoreira

## O AQUEDUTO DA AMOREIRA

Já nos finais do séc. XV o abastecimento de água era uma urgência, iniciando-se, nessa altura, os trabalhos de prospecção de nascentes e a cobrança do Real d'Água. Mas só com o impulso de Francisco Arruda, a partir de 1537, a monumental obra dá passos de gigante, num percurso de 7504 m, correndo a água, na Fonte da Vila (obra de Pêro Vaz Pereira), no Lg. da Misericórdia, ca. 1620-22. Contudo, esta importante infra-estrutura logística só ganharia eficácia militar se fosse construída uma cisterna que tornasse irrelevante o corte da água pelo inimigo. Em 1650, a enorme cisterna estava construída, com orientação de Nicolau de Langres, que a encostou à cortina que antecede o Redente do Cascalho, para melhor protecção. Racionada, a sua capacidade dava para quatro meses de abastecimento.



Quartéis do Casarão (Museu Militar de Elvas)

## GOVERNO, GUARNIÇÃO, ARMAMENTO E EVENTOS BÉLICOS

Em Dezembro de 1640, o Conde de Vimioso, D. Afonso de Portugal, foi nomeado General da Província do Alentejo, elegendo Elvas como Praça de Armas. Mercê da sua situação estratégica, quer o governo da província quer o da cidade sempre foram os mais importantes a nível nacional, o que ainda acontecia em 1805 (Alvará de 27 de Setembro): Elvas era a única fortificação com o posto de General.

A nível de armamento de artilharia, a cidade possuía, em 1663, 33 peças, entre canhões, colubrinas, sacres, falcões e pedreiros. Já em 1874, o seu armamento de defesa era de 112 peças, contando com pedreiros, obuses, morteiros e peças de alma estriada e lisa de vários calibres. Para o mesmo ano, a guarnição de defesa era composta por 6484 homens de infantaria, 498 artilheiros, 176 praças de baterias, 208 praças de engenharia, 30 praças artífices, 304 homens de cavalaria e 370 praças de almoxarifado, enfermeiros, serventes e guardas de armazém, num total de 8070 homens. Eram também necessários 288 cavalos e 124 mulas.



Casa das Barcas



Cemitério dos Ingleses

### Principais eventos bélicos

Reconquista (até 1249): 1230, ocupação de Elvas, por D. Sancho II, após abandono dos habitantes e três tentativas de conquista malogradas (1166, 1200 e 1226). Guerras Afonsinas: cercos e assédios por D. Afonso XI de Castela (1325-27; 1334; 1337). Guerras Fernandinas (1381-83): 1381, assédio pelo Infante D. João de Portugal, com hoste castelhana; 1383, Gil Fernandes, *o Bom*, destroça, de noite, uma força de cavalaria que estava emboscada nos arredores de Elvas. Guerra da Independência (1384-1387): 1385, assédio por D. João de Castela. União Ibérica (1580-1640): (1580) ocupação de Elvas, sem combate, por D. Sancho de Ávila. Guerra da Restauração (1641-1668): 1641, combate de Elvas; 1644, assédio pelo Marquês de Torrecusa; 1658/ 59, cerco por D. Luís de Haro, com resistência heróica, e Batalha das Linhas de Elvas a 14 de Janeiro de 1659; 1661, combate no Poço do Concelho, no caminho para Badajoz. Guerra da Sucessão de Espanha (1704-1712): 1706, assédio pelo exército franco-espanhol; 1709, Batalha do Caia; 1711, sítio de Elvas pelos espanhóis; 1712, assédio pelo Marquês de Bay. Guerra das Laranjas (1801): cerco por Manuel Godoy. Guerra Peninsular (1807-1811): 1807, entrada do exército francês; 1808, o General Loison entra em Elvas depois de ter tomado Évora; 1808, os franceses concentram-se no Forte da Graça; assédio pelo exército espanhol e posterior expulsão para Lisboa pelo exército anglo-luso. Guerras Liberais (1832-1834): 1834, entram em Elvas as forças liberais espanholas comandadas pelo General D. José Ramón Rodil. Guerra Civil – Maria da Fonte e Patuleia – (1846-1847): 1847, entrou em Elvas a brigada espanhola comandada por D. Fernando de Norzagaray.



Porta da Praça (2ª cerca muçulmana)

Vedoria



Paiol da Conceição



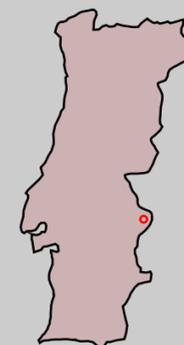
Conselho de Guerra



Hospital Militar



Antigo edifício da Câmara Municipal



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Cidade-Quartel Fronteira de Elvas e suas Fortificações inscrita na Lista do Património Mundial em 2012



União Europeia FEDER Investimos no seu futuro



Elvas momentos fortes monumentos únicos

CÂMARA MUNICIPAL DE elvas

Capa: Pelourinho junto às Portas do Templo (1ª cerca muçulmana) Texto e concepção: Domingos Bicho Fotografia e design: Raul Ladeira (VA Ltd)



Cidade-Quartel Fronteira de Elvas e suas Fortificações